

GENEALOGIA

José Carlos Soares Machado “*Quem não conhecer o passado, não tem futuro...*”



José Carlos Soares Machado, convidado da Comissão para as Letras e as artes da OA deste mês é, para além de Advogado, alguém que se dedica à investigação no que respeita à história da família, à genealogia.

Com obra publicada, nomeadamente o estudo que acompanha este texto – Os Braganços, História Genealógica de uma Linhagem Medieval (Séculos XI a XIII), Lisboa 2004 – é o director da Revista “Raízes e Memórias” para além de Presidente da Direcção da Asso-

ciação Portuguesa de Genealogia que edita aquele título.

Os Braganços levam-nos à origem da nacionalidade, aos livros de Linhagens medievais, o Livro de Linhagens do Conde D. Pedro, ao Livro Velho e ao Livro do Deão, publicados por Alexandre Herculano na “*Portugaliae Monumenta Histórica*” e mais tarde, nos anos 80 do século XX pela Academia das Ciências e analisados criteriosamente pelo autor. Mas levam-nos sobretudo a um conjunto de famílias que foram a base à volta da qual se estruturou o corpo político do nosso país e de que descendem muitos de nós, incluído o nosso convidado.

Comissão para as Letras e as Artes da OA



O meu interesse pela História vem desde os bancos da escola. Sempre preferi ler História de Portugal a romances de ficção, embora fizesse, desde sempre, regularmente uma concessão ao género do romance histórico. Mas neste caso, apenas ao verdadeiro, isto é, àquele em que o autor conhece realmente a época em que situa a sua narração e é sabedor da história conhecida dessa mesma época, reservando assim a criatividade autoral exclusivamente para os aspectos desconhecidos e para a eventual reinterpretação de factos, mas no respeito pela lógica do conjunto e pela realidade sociológica e pela plausibilidade comportamental das personagens. Pelo contrário, não aprecio – e

confesso que tenho mesmo algum desprezo – pelas narrativas ditas históricas, mas cheias de erros e de ignorância ou repletas de anacronismos, que mais recentemente têm invadido as livrarias...

Defendo que é absolutamente essencial conhecer o passado para podermos compreender o presente! De facto, quem não conhece a História, não possui uma das condições essenciais para entender a realidade em que vive e, muito menos, para preparar o futuro que irá deixar para os vindouros. Ou seja, o conhecimento da História, para mim, antes ainda de ser uma paixão, é uma necessidade...

Depois, vem também o aspecto lúdico da investigação histórica, que acaba por ter similitudes com um jogo em que se procura um objectivo determinado, que é saber mais através da descoberta de factos desconhecidos. Neste aspecto, a História da Família e a sua investigação tem um marcante pendor lúdico uma vez que há permanentemente um objectivo em vista – um golo a marcar! – que é a descoberta de mais um antepassado desconhecido e, bem assim, quando possível, a reconstituição da sua vida.

Essa descoberta pode fazer-se de duas maneiras: lendo quem já escreveu e publicou sobre aquilo que investigou, ou investigando directamente... Para quem, como eu, tem desde sempre uma intensa ocupação profissional que limita fortemente quaisquer actividades adicionais, a investigação histórica passa muito pela leitura e análise de fontes publicadas, mas também, quando possível, por fontes manuscritas primárias não publicadas. Acresce que hoje em dia, o material em arquivo está bastante mais acessível do que há uns anos atrás, tornando-se possível a pesquisa fora das horas normais de trabalho.

Tal como muitos outros, comecei há muitos anos por aprender os conhecimentos básicos de Genealogia e por investigar os antepassados próximos, procurando coligir o máximo possível de informação que permitisse ficar a conhecê-los. E, neste aspecto, a minha curiosidade foi sempre permanente: quem não gostará de ficar a “conhecer” factos sobre um progenitor que nunca tenha chegado a conhecer? Quem não pôde conhecer um avô ou uma avó, paternos ou maternos, não pode deixar de sentir satisfação quando finalmente consegue uma identificação, um retrato, um escrito, uma simples assinatura, uma profissão, um feito... Passa então a ter consciência da existência concreta desse antepassado, do que ele foi, do que fez, e sente finalmente um elo de ligação com o passado.

E, essa pode ser também uma forma de homenagear essas pessoas, mais destacadas ou menos relevantes na História local ou Nacional, celebrando a sua existência passada e o seu mérito, se outro não tiverem tido ou não se descobrir, de terem gerado pessoas que mais tarde se destacaram por alguma razão. Foram esses desconhecidos que nos passaram os genes que temos hoje, que já por sua vez haviam recebido de outros, e que explicam biolo-

gicamente a realidade que cada um de nós é hoje.

É o passado de uma família, o núcleo central de uma sociedade, que constitui, juntamente com o passado de muitas outras famílias, verdadeiramente, o passado de um concelho, de uma região ou de uma nação.

Daí que seja comum, a certa altura, passarmos do estádio inicial de pesquisa genealógica próxima e restrita aos avoengos mais recentes para um estádio mais avançado em que se procura estudar essas personagens de outros tempos independentemente de nós próprios termos, ou não, alguma relação directa familiar com eles.

Foi assim que passei, a dado momento, a estudar genealogia medieval, ou seja, personagens de uma época tão recuada e ainda tão misteriosa para nós na actualidade, facto que me atraiu talvez pela dificuldade de o fazer, também pela sempre presente curiosidade perante o desconhecido, mas ainda e, talvez sobretudo, pelo verdadeiro nevoeiro histórico que rodeia quase todas essas personagens. E, foi assim, que acabei a estudar uma linhagem transmontana, muito maltratada em geral pela historiografia – os chamados Braganços ou, na grafia antiga, Braganços – com inícios por volta do ano 1000 da era de Cristo! O facto de não ser um profissional deste ramo do conhecimento nem, portanto um académico, tem aliás a vantagem de me deixar livre para voltar, quando quiser, à Idade Média, ou pelo contrário explorar outras épocas, dependendo apenas do meu gosto, e não de quaisquer preocupações de carreira... Daí que me encontre agora a estudar mais pormenorizadamente a época das luzes e o seu século de ouro... sobretudo a fim de tentar perceber o papel que cabia a cada personagem encontrada e identificada.

Em jeito de conclusão direi apenas que estas incursões pelo passado, para além de me permitirem melhor compreender o presente, constituem para mim, semanalmente ou quando possível, um indispensável spa espiritual destinado a descansar o intelecto do intensíssimo trabalho diário – esse, jurídico! – através da variação de actividade. Por outro lado, é também um processo que ajuda a estimular, quiçá, outras zonas do cérebro, sendo seguramente um dos mais eficazes.

José Carlos Soares Machado

“**Quem não conhece a História, não possui uma das condições essenciais para entender a realidade em que vive...**”